

Marigê, me chame o Sayeg...

Caio Porfírio Carneiro

Faleceu, no dia 28 de julho, nesta capital, aos 73 anos, o poeta, escritor e advogado João Baptista Sayeg. Nascido em Catanduva, SP, dividiu sempre sua vida entre a banca de advocacia e as letras, e foi ativo membro da União Brasileira de Escritores.

Poeta primoroso, e também excelente contista, Sayeg, como o tratávamos, era um virtuoso em tudo o que escrevia, até em trabalhos jurídicos. Um perfeccionista. Tudo o que escrevia examinava com atenção cuidadosa, mostrando-se até um pouco irritante aos que não o conheciam de perto. É que, para ele, tudo tinha que ter um lavor de Arte.

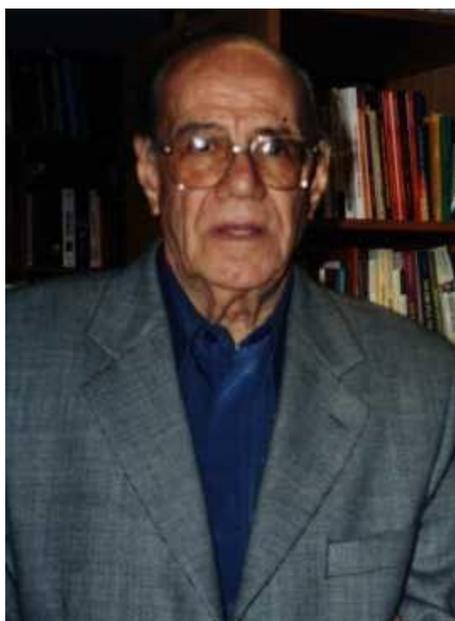
Traduziu vários poetas americanos e ingleses.

Publicou em Poesia: **Permissivo Amor; Os Comedores do Museu; Cavalos ao Sol; Pantomimas e Animação.**

Em 1999 lançou o livro de contos **A Torre de Mandarin**, verdadeira surpresa no gênero. Aparecia com uma ficção a um tempo impressionista e mágica, limpidamente bem escrita, estórias às vezes trazidas dos idos vividos em Catanduva, sem cair, porém, na memorialística. O descritivo e o narrativo muito bem conduzidos.

Enveredou pela literatura infantil, com tanta emoção, que ele próprio tratou, com cuidado de artista, da parte artesanal. Único livro que publicou no gênero, intitulado.

Diretor e Conselheiro da União brasileira de Escritores em várias gestões, sucessivamente, desde sua entrada para a entida-



J. B. Sayeg

de, 13/12/1976, recebendo número 919. Participou de diversos eventos culturais, inclusive dos Congressos de Escritores no Brasil e em Portugal. Nas décadas de 70 e 80 integrou o grupo da **Revista Escrita**, editada por Wladir Nader, e participou de várias comissões julgadoras em concursos literários. Aparece com trabalhos ou verbetes em diversas antologias e dicionários literários, inclusive na **Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea**, editada em Portugal, organizada pelo poeta Álvaro Alves de Faria, em 2001.

Dado ao seu espírito empreendedor, em tudo que participava fazia com muita paixão e zelo. A reforma dos estatutos da UBE mereceu da sua parte permanente preocupação, para bem adaptá-lo às normas do Código Civil Brasileiro.

Eleito coordenador da equipe que escreveria a história da UBE desde a sua fundação, em 1942, sessenta e dois anos por-

tanto da sua história, quando viu que a comissão, por motivos vários, não se articulava bem, chamou-me para ajudá-lo, tomou o pião na unha, e partimos para uma aventura, porque foi uma verdadeira aventura elaborar o livro, que a vida da entidade vinha de muitas realizações, lutas políticas, divisões e desentendimentos, provocando, com isto, um verdadeiro trabalho de formiga para deslindar ou quase decifrar, nos arquivos desorganizados, e descobrir nos diversos cartórios, todo o palmilhar da UBE. Sem falso exagero, tarefa difícilíssima, que nos tomou meses e meses de trabalho e fins de semana de insônia. Pronto o livro, editado pela RG Editores com o título por ele sugerido de **A Vocação Nacional da UBE (62 anos)**, com algumas falhas, é verdade, falei para o Sayeg de algumas críticas injustas ao livro, particularmente de dois ou três sedentos de louvores, e que eu iria responder diretamente a cada um. Ele, com aquele espírito conciliador mas determinado, respondeu: "Calma, Caio. Não dá bola. Daqui para a frente outra história da UBE só será feita a partir desta. E vamos rever o livro daqui a cinco anos."

Não há como traçar aqui, em apanhado curto, sobre a vida do amigo e do artista J. B. Sayeg. A amizade interfere demais. E ainda me parece um sonho o seu falecimento. Praticamente tudo o que eu escrevia mostrava para ele e ele não era "bonzinho", não. Sem ser ferino, lia, relia, argumentava, sempre à procura da perfeição artística, nele e nos amigos. Mas nunca se aborrecia, se malhávamos alguma coisa

dele. Dizia apenas, com aquele meio riso: "Vocês são analfabetos mesmo... fazer o quê...?"

Colaborou, desde a sua fundação, com o jornal literário *Linguagem Viva*, com poemas e comentários.

Deixou praticamente prontos para publicação um novo livro de poemas e um de contos e falava na reedição de **Pantomimas e Animação**, revisto e modificado. E sempre que me encontrava, lá vinha a bomba: "Prepare-se que vamos rever toda a história da UBE..."

Dominava bem o espanhol, o inglês, o francês, e conhecia profundamente a poesia brasileira, desde os seus primórdios. Relia Camões e os clássicos e estava sempre atento e em dia a tudo o que sobre o gênero se escrevia no País.

Advogado de profissão, tendo se aposentado como chefe do Departamento Jurídico da Avon, e com bom escritório montado, era, em tudo, para além do jurista, o intelectual e o artista.

Casado com a poetisa Marigê Quirino Marchini, deixou filhos e neto.

E foi trágico quando eu soube da sua morte. Telefonei para a Marigê, sábado, logo cedo:

- Marigê, me chama aí o Sayeg. Quero falar com ele sobre as modificações que estamos fazendo nos estatutos da entidade.

A resposta quase me fez cair da mão o telefone:

- Caio, o Sayeg acabou de morrer...

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

Preço Fixo para os Livros?

No Brasil está sendo discutida a Lei do preço fixo para os livros. O tema será discutido no 35º Encontro Nacional de Editores e Livradores, que aconteceu entre os dias 15 e 18 de agosto, em Mogi das Cruzes (SP).

A Associação Nacional de Livrarias publicou em seu site – www.anl.org.br - argumentos em favor da Lei do Preço Fixo, informações sobre a lei e a relação dos países que aderiram-na.

A Lei do Preço Fixo obriga os livros vendidos para o consumidor final tenham um preço fixo (uniforme) final; bem como para aqueles que editam ou importam. A lei também estabelece descontos de 10¢ para vendas realizadas em feiras, datas comemorativas do livro, bibliotecas, centros de documentação e instituições culturais sem fins lucrativos; descontos de 50% para vendas aos órgãos públicos que distribuem gratuitamente e para instituições educativas, culturais e científicas e para pessoas com poucos recursos.

Os países que adotaram a Lei do Preço Único foram a França, Áustria, Portugal, Argentina, México, Dinamarca, Alemanha, Grécia, Países Baixos e Espanha.

Os livros usados, antigos, de coleção, artesanais, fora de catálogo, importados a preço de saldo ficam isentos.

E como ficam os livros de arte, as edições luxuosas e de capa dura? Teriam um outro “preço único”? O preço único, ao nosso ver, favorece o consumidor final e o aumento das vendas no setor, que favorecerá a democratização da leitura - importante num País como o Brasil que ainda tem um elevado número de analfabetos e pouca escolaridade.

A Associação Nacional de Livrarias argumenta que a lei favorece pequenas e médias editoras, é interessante para os autores e assegura aos livreiros o preço dos livros e a diversidade no estoque.

No Brasil, o livro tem imunidade tributária assegurada pela Constituição, entretanto as taxas de importação e alfandegárias teriam que ser revistas para que os livros importados tenham preços mais acessíveis ao consumidor final. As referidas taxas impedem que os livros importados tenham preço único e justo no Brasil.

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____ Estado: _____
 Bairro: _____ CEP: _____
 E-mail: _____ ☐ : _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00
Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 6693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Linguagem Viva

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)
Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br
Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 6693-0392
CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110
Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647
 - Piracicaba – SP – 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O Medo

Rodolfo Konder

Para registrar um mundo em crise, marcado pela falência esperitual do Ocidente, pela decadência e pela incerteza, Thomaz Sterns Eliot escreveu “The Waste Land” (“A terra desolada”, em 1922) e “The Hollow Men” (“Os homens Ocos”, 1924) entre outros textos fantásticos. Das ruínas da Primeira Guerra, o poeta nos fala de uma “terra desolada”, povoada de “homens ocos”, “homens empalhados, uns nos outros emparados.” Sua passagem pela terra estiolada varrida pelo vento e habitada por almas danadas, leva-o, depois, à conversão religiosa. Também para Eliot – confirma-se então – o começo da sabedoria é o medo.

Muitos séculos atrás, quando ainda se apurava, ao descer das árvores, o homem primitivo temia os lugares abertos e as profundezas das cavernas, porque era vítima freqüente, naqueles cenários, da fúria dos predadores. Assim, o medo nos acompanha desde o nosso despertar como bípedes – e ainda agora trabalhamos com os mesmos mecanismos de defesa que nos permitiam sobreviver, naqueles tempos. Algumas pessoas, aliás, tornam-se até prisioneiras dos velhos medos, que nelas se transformam em fobias. O medo de lugares abertos virou agorafobia; o medo das cavernas escuras pode ser a claustrofobia de hoje.

Ao longo da História, os seres humanos se tornaram animais medrosos por excelência. “Todos os homens têm medo”, disse Sartre. Além disso, somente os seres humanos podem antever a própria morte, conhecendo, portanto, o medo num grau mais temível e duradouro do que o podem conhecer os seres de qualquer outra espécie. O nosso medo é ambíguo, inerente à nossa natureza, perturbador. Pode nos fazer regredir. Pode até nos matar.

O medo freqüentemente dá forma ao Estado, nos casos de regimes totalitários como o nazismo, que caía do céu com a “Luftwaffe,” descia das colinas com as “panzer divizionen”, torturava, estuprava, construía campos de extermínio, promovia genocídios e ameaçava o mundo com o “Reich dos mil anos”, o Armagedon de Adolf Hitler. O Estado fascista também se ergue apoiado no medo, cria aparelhos

repressivos e estabelece a violência totalitária, que vai além das guerras e despreza todos os direitos individuais. Às vezes, o fascismo se combina com as ditaduras militares; às vezes, simplesmente empresta traços particulares a outros regimes de exceção, formas de organização do Estado igualmente molhadas no medo e jamais limitadas no tempo, já que sempre podem ressurgir, especialmente na garupa das crises.

O medo também marcou para sempre a experiência socialista, os Estados policiais construídos em nome da maior utopia da História, sob o pretexto de que combatiam a opressão dos trabalhadores e lutavam pela liberdade para todos os homens. Lênin, Trotsky, Stálin, Béria, Brejnev e Andropov – foram responsáveis, no seu soturno conjunto, pela morte de 100 milhões de pessoas, pela delação institucionalizada e pelos campos de trabalho – “ilhas” numerosas de um “arquipélago” administrado pelo Departamento da Administração Geral dos Campos, o Gulag.

Na América Latina, o medo moldou regimes de exceção e ditaduras militares, inclusive aqui, no Brasil. Atualmente, vivemos numa democracia, mas o medo não desapareceu. Ele se alimenta da violência urbana, da droga, da ação de maus policiais, dos saques do MST, da corrupção, da fisiologia, do desemprego. No Brasil, como no mundo inteiro, estamos com medo, porque experimentamos as incertezas de uma fase de mudanças aceleradas, de transformações profundas, de dúvidas insuportáveis.

Rodolfo Konder é escritor, jornalista, Diretor Cultural da UniFMU e conselheiro da União Brasileira de Escritores.

Profa. Sonia

Revisão - Digitação

Aulas particulares

portsonia@ig.com.br

Tel.: (11) 6096-5716

MACHADO DE ASSIS: ESTÁTUA VIVA

Raquel Naveira

A pessoa que mais tenho visto e lembrado aqui no Rio de Janeiro é o escritor Machado de Assis. Não foi à toa que vim morar na rua das Laranjeiras. Algumas vezes caminho rumo ao Largo do Machado, com suas barracas de livros usados, de flores (e eu “por flor tenho loucura”, como dizia uma música de Cássia Eller); suas mesas de pedra, onde idosos jogam baralho e xadrez; sua entrada do metrô, conduzindo filas intermináveis de gente pelos subterrâneos que levam aos bairros, às florestas, aos estádios, às favelas e às praias. Passo antes pelo concorrido sinaleiro em frente à suntuosa Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória, que lembra a de St. Martin em Londres. Às vezes, quando fecho os olhos por alguns instantes, pois creio em viagens no tempo, imagino o espaço entre a Igreja e o Largo forrado de antigos tálburis, aqueles carros de aluguel de duas rodas, dois assentos, com capota e sem boléia, puxado por um só cavalo, que servia de condução na época da corte. Dona Carlota Joaquina passando com sua luxuosa carruagem rumo à Chácara Botafogo. E mais tarde, o próprio Machado de Assis, apoiado em sua bengala, ajeitando o *pince-nez*, andando apressado em direção às palmeiras.

O Largo do Machado não tem esse nome em homenagem a Machado de Assis como algumas pessoas afirmam. O Largo já era do Machado, quando Machado de Assis tinha apenas quatro anos de idade, pois o escritor nasceu em 1839. A versão mais aceita hoje em dia é que no local existiu um açougue que exibia na sua fachada um machado de madeira. Um nome pobre, popular, que marcou aquele terreno outrora pantanoso e cheio de moluscos.

Subindo um pouco mais, entre as ruas do Catete, Marquês de Abrantes e Conde de Baependi há uma bela estátua de outro escritor clássico, José de Alencar, um dos expoentes do Romantismo brasileiro, advogado, deputado e ministro cearense, autor de *Iracema* e de **O Guarani**. É uma escultura de Bernardinelli, uma estátua viva, pois José de Alencar foi grande e mereceu virar estátua. Suas obras não cessam de surpreender sucessivas



Machado de Assis

gerações.

Machado de Assis proferiu um comovido e saudoso discurso na cerimônia do lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar, um homem que foi acima de tudo seu amigo e seu Mestre. Disse Machado: “Agora que os anos vão passando sobre o óbito do escritor, é justo perpetuá-lo pela mão do nosso ilustre estatuário nacional. Concluindo o livro de **Iracema**, escreveu Alencar esta palavra melancólica: ‘A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra.’ Senhores, a filosofia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquela jandaia que não deixa o coqueiro, e que ao contrário da que emudeceu na novela, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal autor. Nem tudo passa sobre a terra.”

Subindo pelas ruas do Catete em direção ao centro da cidade, chego à Academia Brasileira de Letras, local onde Machado de Assis, seu fundador, também virou uma estátua viva. Uma estátua feita pelo escultor Cozzo, bem na entrada do charmoso *Petit Trianon*, local onde são feitas as sessões semanais, as

palestras, os chás, as cerimônias de posse. Lá está ele sentado, quieto, pensativo, de bigode e *pince-nez*. Às vezes ele me parece tão perto, às vezes tão distante, mas sinto sempre na pele o seu olhar de bruxo. “- É, meu caro Machado, digo-lhe baixinho, a literatura é mesmo ideal que eleva, honra e consola. As letras são boas amigas para quem tem a alma enojada e abatida como eu. A arte é a minha liberdade, meu remédio. É assim que venço as tristezas do coração e continuo amando. Você entende, não é?”

Há manhãs, quase todas de sol, que caminho em sentido oposto, orientada pelo abraço do Cristo Redentor. Vou em direção ao Cosme Velho, ao número dezoito, último endereço de Machado de Assis e de sua esposa, dona Carolina. Foi de lá que saíram a cama do casal, a penteadeira, a mesa de jantar, fotos e objetos que hoje estão no *Petit Trianon*. Quando passo pelo casarão onde viveu Austregésilo de Athayde e pelo Largo do Boticário com seus casarões coloniais, azulejos e paralelepípedos, penso que poderei topar com Machado na primeira esquina. Talvez ele me falasse: “_ Você veio de tão longe, de um lugar cheio de pássaros, rios, cachoeiras, céus estrelados, boiadas, campos de vacaria,

mas tenho certeza de que lá a natureza humana é a mesma: perigosa, sempre. Entre, Carolina nos fará um café.”

Aí eu o abraço e deliro: “- É verdade, vim lhes fazer uma visita aqui no Cosme Velho. Queria vê-lo de perto, escrevendo, debruçado sobre seus papéis avulsos. Queria andar por esses corredores, observar esses retratos. Ah! Como é linda essa “Dama do Livro”! Sabe, eu o acompanho quando o senhor vai pela rua do Ouvidor, entre alfaiates, floristas e joalheiros até chegar à livraria Garnier. Sigo-o pelas repartições, pelos gabinetes, pelos jantares e reuniões. Conheço sua ironia tranqüila, sua piedade por todos, vítimas e algozes. Presenciei tudo, vi todos os vermes que roeram os cadáveres em suas ressacas de pessimismo.”

Depois do café oferecido por dona Carolina, toda vestida de preto, beijo as mãos de meu amigo e volto para minha casa, gruta ou caverna de aço. O Cristo agora é uma sombra projetada em minhas costas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- PIZA, Daniel. *Academia Brasileira de Letras- Histórias e Revelações*. São Paulo: Dezembro Editorial, 2003.

- HYPERLINKS:

<http://www.bairrodocatete.com.br>

www.bairrodocatete.com.br

<http://www.biblio.com.br>

www.biblio.com.br

- *Grandes Personagens de Nossa História*. São Paulo: Abril Cultural, vol IV.

Raquel Naveira é escritora, crítica literária e professora universitária.

www.vipworkcultural.com.br

VIPWORK Cultural

Estas e muitas outras obras!

Acesse nossa loja virtual segura

www.vipworkcultural.com.br

O Irã que se lê não é o País que se vê



Alaor Barbosa e Ronaldo Cagiano

Convidados a participar do I Seminário de Literatura Latino-americana do Irã, organizado pela Irãian Literature Foundation, e realizado em Teerã e Isfahan, entre os dias 26 de maio e 1º de junho, lá estivemos, eu e Alaor Barbosa, representando o Brasil.

Juntamo-nos aos escritores-irmãos da América Latina e de outras regiões: Ana Cristina Pizarro e Osvaldo Picardo (Argentina), Luis Manzo e Pablo Cassi (Chile), Leonardo Garet e Luis Bravo (Chile), Ronaldo Menendez (Cuba), Francisco Azuela, Irma Navavi e Laura Hernandez (México), Beatriz Salas e Maria Clara Salas (Venezuela) e Nurin Khan (Índia), além da participação de escritores, músicos e intelectuais iranianos, entre os quais Nazarin Nozari, Maestro Mohsen Kuhestani, Reza Seyyed Hoseini, Mohamad Reza Gudarzi, Hadi Saidi Kiasari, Abbas Pezman e Ramin Molaei. A razão para que a Pérsia realizasse este seminário sentimos nas palavras da professora Najmeh Shobeiri, uma das organizadoras: “a América Latina tem despertado interesse do mundo literário nas últimas três décadas, com respeitáveis trabalhos de ficção”.

A chegada ao Aeroporto Internacional Aiatolá Khomeini, já revelava um País muito diferente daquele demonizado por alguns chefes de estado ocidentais, dada a cordialidade e simpatia com que fomos recebidos. A imagem que sempre povoou nosso imaginário, e disseminada pela política ocidental, de um país exótico, impermeável e arcaico, governado por uma teocracia intolerante, de vocação belicosa e sufocado em suas vestimentas, vai dando lugar a realidades e percepções tão distintas quanto antagônicas. Nota-se, sem maior esforço a vida pulsar nas ruas apinhadas de gente e de carros, com um burburinho semelhante à de qualquer capital do primeiro mundo, com seus arranha-céus, condomí-

nios, autopistas e uma periferia cuja pobreza tem uma dignidade não encontradas nos subúrbios das grandes cidades brasileiras.

Com uma população semelhante à do Rio de Janeiro, a moderna Teerã sofre com os males da poluição, causada não pelas indústrias, que estão no centro-sul do País, mas pelo gás carbônico emitido pelo excesso de automóveis (explica-se: a gasolina custa a bagatela de R\$ 0,17). Por outro lado, a cidade oferece o fascinante espetáculo dos picos nevados das montanhas Alborz, com a incidência dos raios de um sol tropical que saúda os visitantes oferecendo com uma plasticidade exuberante. Em outras regiões, vêem-se imponentes jardins e parques bem-dotados de estrutura e serviços, além de inúmeros monumentos, verdadeiros mausoléus em praça pública, dedicados a poetas, filósofos e reis da antiguidade, entre os quais Hafez, Rumi, Ferdosi, Omar Khayyam, Sa'di, Avicena, Zoroastro, Ciro, Xerxes, Dario, Artaxerxes.

Na segunda etapa, a organização do evento levou-nos a Isfahan (que quer dizer “A metade do mundo”). Considerada a capital cultural do Irã, dista 400 Km de Teerã, conserva o charme e a opulência da arte seiscentista presente em cada esquina dessa que foi capital do Irã há mais de dois séculos e que hoje abriga uma usina nuclear, dor de cabeça para o imperialista Bush. Os autores apresentaram poemas e textos inéditos aos presentes e a alguns escritores locais, que testemunharam a dicção e a semântica de uma outra literatura até então intangível e diversa de seus padrões estéticos. Receptivos e interessados, lotaram o auditório do Hotel Kowsar, localizado abaixo das montanhas Solfé e às margens do rio Zayandé, com suas pontes arcadas e tantas vezes centenárias, seus barcos a remo e suas casas de chá (chaykunés). No centro, espraia-se o grande mercado persa, seccionado por mesquitas e minaretes, que impressiona pela imponência e proeza de suas linhas arquitetônicas e a variedade de produtos e serviços que, nos corredores labirínticos e nas inúmeras saídas para ruelas vicinais ao grande

bazar, dividem espaço com temperos, artesanato, tapetes, roupas e comidas.

No Irã, que foi a Pérsia até 1935 e sofreu a dominação árabe no século VII - revelou-me uma professora de literatura espanhola - a ficção é conhecida há pouco mais de sete décadas, mas seu povo reverencia a poesia, que vem de longa tradição oral, tanto quanto nós reverenciamos o futebol e o carnaval.

Nesta primeira visita ao Irã foi possível, com outra lente, apre(ender um país desconhecido e ter uma visão nada parecida com as descrições costumeiras. Por exemplo, ficamos sabendo que não há hostilidades entre americanos e iranianos, nem mesmo contra os judeus que vivem lá em suas colônias, indicando que há um discernimento entre governo e cidadãos. Os povos se entendem, mas os Estados não.

Muito mais rico e organizado que o Iraque, apesar da guerra que travou com seu vizinho, vem se recuperando e se impondo como potência regional. Herdeiro de uma cultura milenar e uma história inesgotável e instigante, vive suas tradições e experimenta um momento de metamorfose em sua história recente. Empreende-se uma luta permanente entre o arcaísmo dos costumes do islã e da charia e a modernidade da era tecnológica e da informação, reivindica-se mais espaço político, liberdade de expres-

são artística e de idéias e novos rumos para sua própria democracia.

Esse contato que iranianos vêm tendo com outras realidades culturais, sociais e econômicas a partir do desvelamento da literatura dos povos da América Latina é um sinal da necessidade desse intercâmbio simbiótico, de novas parcerias com estados não hegemônicos. A nova geração, nascida sob o impacto da revolução islâmica de vinte e oito anos atrás, é composta por 83% de alfabetizados, contra os menos de 48% que o xá Reza Pahlevi, expulso e humilhado, deixou como herança de seu período de dominação e alinhamento com os poderosos Ocidente. Com cerca de 75 milhões de habitantes, 2 milhões de universitários, mais de 1500 bibliotecas e um cinema reconhecido internacionalmente, O Irã, certamente, não vai ficar onde está e tem razão para não abaixar a cabeça para os juízes do mundo globalizado que avançam contra os povos do terceiro mundo e os países em desenvolvimento. Esse povo reverencia a história, as tradições e a cultura, mas sem a melancolia do passado, pois está em busca de novos referenciais, novas utopias, outras possibilidades de relacionamento nos diversos campos. O Irã é um país não apenas para ser lembrado, mas para ser revisitado sempre.

Ronaldo Cagiano é escritor e crítico literário.



Especializada em importação direta de livros portugueses.

Livros de todas as áreas de editoras portuguesas, Cds, artesanato e galeria de arte.

Desconto de 10% para advogados, juristas, professores e estudantes.

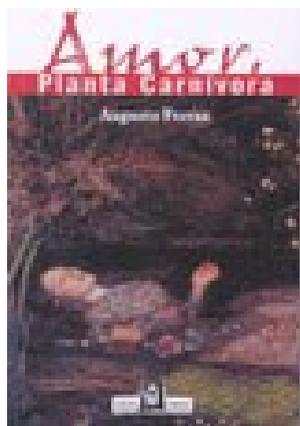
Prazo de entrega: 15 dias.

Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais.

Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP

E-mail: livrariacoimbra.pt@ig.com.br

Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105



Amor, planta carnívora

Hilda Gouveia de Oliveira

“Amor, planta carnívora”, a recém-publicada coletânea de contos da autoria de Augusto Ferraz, apresenta duas marcas definitivas: o ritmo nervoso e vivo da linguagem, e a pessimista descrição do mundo em que pessoas e coisas mais parecem avatares aterrorizantes de poderes incompreensíveis. Em cada história há personagens plausíveis que representam as paixões humanas, o que resulta em reações freqüentemente bestiais de homens e mulheres ensimesmados, que não aceitam o mundo plural, e guerreiam violentamente contra si mesmos; dilacerando a própria alma, na realidade incompreensível, eles trafegam sem sentido; mais vítimas, do que algozes, que mastigam e engolem a própria humanidade, entregues à animalidade irracional.

O seu trágico estranhamento está sugerido pela grande quantidade de cenas sombrias que aparecem no livro, corredores e labirintos, e pequenos ambientes escuros, que evocam a atmosfera fantasmagórica das produções literárias “góticas” e pré-românticas, pois estão densamente povoadas de fantasmas, de incubos e sucubos, de animais irados, lascivos e cruéis, de ameaças e perigos, de desastre sempre a ponto de eclodir, de esconderijos e de medo. Nesses redutos ensombrados há elementos que, ao longo dos milênios, têm aterrorizado a humanidade, valores e superstições já atuantes nas forças sobrenaturais do animismo, nos dentes e nas garras dos animais totêmicos e, de modo ainda mais terrível, na natureza selvagem do coração do homem que, em seu isolamento essencial, é incapaz de comunicar-se pacificamente com os demais seres de sua espécie.

Como descrito por Augusto Ferraz, o homem contemporâneo

está longe de ser civilizado, mas vegeta dramaticamente numa espécie de extravasamento do *id*, do poço secreto do inconsciente, sufocado pelo polmo milenar da tragédia, de lutas, conquistas e derrotas sangrentas e brutais. Aliás, é bem característica dessa circunstância a falta quase total de nomes para os personagens dos diversos contos de “*Amor, planta carnívora*”, os quais são menos indivíduos isolados, e que melhor representam o homem em sua brutalidade essencial, em suas paixões primárias de animal ainda pouco evoluído, que usa a razão apenas como estratégia de defesa. Embora, virados para dentro de si mesmos, todos odeiam e desentendem a própria alma, mas tentam sobreviver a despeito dela e, desrespeitando quase por inteiro as outras almas, habitam um universo em que ética e moral parecem inexistir.

Por isso mesmo, em vez do desenvolvimento espiritual e físico do gênero humano, os trágicos personagens destes contos insinuam o caminho inverso da evolução e, de modo brutal, ressaltam a bestialidade do homem, a animalidade primária e já deturpada pelos extremos da imoralidade da paixão visceral e constrangedora..

O tom e o ambiente que servem de pano de fundo às histórias de Ferraz revelam a cidade grande, desordenada e confusa, cortada por vielas escuras, sujas e pobres como os habitantes que por elas trafegam, vidas miseráveis e envolvidas pela força quase mítica das ondulantes águas do rio. Tomados por compacto desencanto, alguns desses contos têm sabor alegórico, como é o caso de “*Os filhos da miséria*”, no qual, aliás, há um eco de Macondo, e da luta do indivíduo contra a natureza caótica e voraz, e contra a sociedade que o reprime e maltrata. Através de toda a narrativa, escorre o líquido universal que, passando sobre os primitivos homens das cavernas, atravessa as metamorfoses indianas e gregas, o novelo de fábulas das *Mil e Uma Noites*, chega a Ovídio, flui na dramaticidade barroca, encaminha-se da arte surrealista para o

realismo mágico de Cortazar e de Márquez, para os hieroglíficos esconderijos de Kafka, atinge o desrumado homem de Musil, para, finalmente, em denso desencanto, mergulhar no tom apocalíptico do mundo contemporâneo.

A transformação do amor em ódio, em desalento e incompreensão, e um tom de ironia e de paródia fazem ressaltar a crueldade bestial do indivíduo, cuja alma a um tempo frágil e vigorosa entrega-se de modo irreversível ao auto-sacrifício e, em vôo apocalíptico, ruma para o inferno dantesco da consciência culpada e punida física e emocionalmente, supliciada com um vigor dramático e angustiante.

Não há como negar: “*Amor, planta carnívora*” substitui a utopia civilizada pelo apocalipse aterrorizante; livro nervoso, deprimente, cruel e provocador..., ainda assim, merece ser lido com o devido respeito, pois define de modo competente a miséria do ser humano conspurcado em sua animalidade natural, e já irremediavelmente aferrado a valores mal-compreendidos pela razão ainda insuficiente, inoperante e, paradoxalmente, também causadora de infelicidade.

Hilda Gouveia de Oliveira é escritora, crítica literária, geógrafa, advogada, historiadora e mestre em Literatura Ingleza.

Pesca no Anhangabaú

Heusner Grael Tablas

Ao escritor Henrique L. Alves, autor do livro de história *O Fantasma da Abolição*, prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1962. In memoriam.

Descendo por um túnel secreto, entre paredes desmoronadiças, L. vai à pesca no rio Anhangabaú.

Pasmam os subterrâneos de São Paulo ante o lampião. No caminho L. cuida de um antigo pescueiro do negro Justino e das águas recupera anzóis e algumas tralhas enredanças de José do Patrocínio.

Reconhece vozes amigueiras de Luiz Gama nas corredeiras, remenda uns sonhos puídos com sua agulha onírica e vai tecendo uma rede o fio da memória, se mil peixes faíscam nas galerias.

Do reflexo das águas colado nas paredes, século sobre século, há fragmentos para montar um caleidoscópio só de brilhos verdadeiros.

Com grande ciência o rio segue fazendo sua parte, tanto que já ofereceu uma remessa de redomoinhos e naturalmente o tempo reflui.

Heusner Grael Tablas é escritor, membro da União Brasileira de Escritores.



VipWork Agência e Editora

Fone / Fax (11) 6291.4284
vipwork@vipwork.com.br

Soluções inteligentes para o SEU negócio .

Consultoria:

- RH;
- Comunicação Empresarial;
- Planejamento Estratégico;
- Análise de Clima;
- entre outros.

Web:

- Sites;
- Newsletters/ E-mail Marketing;
- Loja Virtual.

Editora:

- Identidade Visual (logo, cartão de visita, envelope, timbrado, adesivo, banner);
- Comunicação Interna/ Externa (revista, jornal, folder, catálogo);
- Embalagens/ Brindes;
- Livros.

Concursos Literários

Concurso Nacional de Contos Newton Sampaio 2007, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, através do Setor de Editoração, está com inscrições abertas até o dia 10 de setembro para contos inéditos, com tema livre. Poderão ser inscritos até três contos, escritos em língua portuguesa, com no máximo dez páginas cada. Os trabalhos deverão ser apresentados sem nenhuma identificação do autor, com apenas o título, com uma cópia em cd room ou disquete, em quatro vias impressas, digitados no Word, em papel A-4, corpo 12 e fonte Arial. Os contos deverão ter obrigatoriamente um título. Não há necessidade de usar pseudônimo, mas os trabalhos não poderão conter nenhuma informação que possibilite a identificação do autor. Em envelope menor fechado, devidamente lacrado, colocar os dados de identificação do autor (nome completo, endereço, telefone, e-mail), uma pequena biografia e os títulos dos trabalhos. Na frente do envelope colocar apenas os títulos dos textos e a categoria – conto. **PREMIAÇÃO:** 1º lugar R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), 2º lugar

R\$ 3.000,00 (três mil reais) e 3º lugar R\$ 2.000,00 (dois mil reais). Serão concedidas dez menções. Os contos classificados serão publicados em uma antologia e os dez vencedores receberão, cada um, cinquenta exemplares da obra. Os trabalhos deverão ser enviados à Rua Ébano Pereira, 240, Curitiba - PR, CEP 80410-240. **Informações:** Tels.: (41) 3321-4738 ou (41) 3321-4718. Site: www.pr.gov.br/seec

17º Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody 2007, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, através do Setor de Editoração, está com inscrições abertas até o dia 10 de setembro para poesias inéditas, escritas em língua portuguesa, com tema livre. Os interessados poderão inscrever-se até três poesias, de no máximo três páginas cada, digitadas em 4 vias impressas e uma cópia em disquete ou cd-room, em papel A-4, no programa Word, em corpo 12 e fonte Arial. Os poemas deverão ter obrigatoriamente um título. Não há necessidade de usar pseudônimo, mas os tra-

balhos não poderão conter nenhuma informação que possibilite a identificação do autor. Em envelope menor fechado, devidamente lacrado, colocar os dados de identificação do autor (nome completo, endereço, telefone, e-mail), uma pequena biografia e os títulos dos trabalhos. Na frente do envelope colocar apenas os títulos dos textos e a categoria – poesia. As poesias terão que ter obrigatoriamente um título. Não há necessidade de pseudônimo. **PREMIAÇÃO:** 1º lugar R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), 2º lugar R\$ 3.000,00 (três mil reais) e 3º lugar R\$ 2.000,00 (dois mil reais). Serão concedidas dez menções. Os poemas classificados serão publicados em uma antologia e os dez vencedores receberão, cada um, cinquenta exemplares da obra. Os trabalhos deverão ser enviados à Rua Ébano Pereira, 240, Curitiba - PR, CEP 80410-240. **Informações:** www.pr.gov.br/seec Telefones: (41) 3321-4738 ou (41) 3321-4718.

PRÊMIO SESC DE LITERATURA 2007, promovido pelo Departamento Nacional do SESC e Editora Record, para textos inéditos (no todo ou em partes por qualquer meio – impresso ou eletrônico), para as categorias conto e romance, está com inscrições abertas até o dia 31 de outubro. Os trabalhos deverão ser escritos em língua portuguesa por autores brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil. Os interes-

sados poderão participar com apenas uma obra em cada categoria. Caso participe em ambas categorias, as inscrições deverão ser enviadas separadamente, com pseudônimos distintos um do outro. O autor não poderá ter nenhum livro publicado na(s) categoria(s) em que se inscrever. Os originais deverão ser enviados em quatro vias, sem ilustrações, datilografados em espaço duplo, impressos em papel A4, em apenas um lado da folha, fonte Times New Roman, tamanho 12, estilo normal, cor preta, parágrafo de alinhamento justificado, espaço de entrelinha duplo e margens 2,5. As quatro vias deverão estar encadernadas, com folha de rosto na qual deverão constar o título da obra e o pseudônimo do autor. Em envelope lacrado, em anexo, deverão ser enviados os dados do autor: pseudônimo, nome, data de nascimento, título da obra, identidade, CPF, endereço completo, telefone, e-mail e currículo resumido. Os romances deverão ter entre 130 e 400 laudas, e os contos 70 e 200 laudas. **Premiação:** o vencedor de cada categoria terá sua obra publicada e distribuída pela Editora Record. O autor receberá 10% do valor de capa de direito autoral quando da sua comercialização em livrarias. Parte dessa primeira edição será distribuída para a rede de bibliotecas do SESC e outros espaços culturais. Os originais não serão devolvidos. **Inscrições:** nas Unidades do Sesc de todos os estados, no departamento de cultura. Informações através do site www.sesc.com.br

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa



Xavier -
www.xavi.com.br

1- Assinale a correta:

- a- Aspiro um bom cargo
- b- Aspiro ao pó da rua
- c- Prefiro mais doce do que salgado
- d- Prefiro doce a salgado
- e- Prefiro doce à salgado

Resposta correta: d

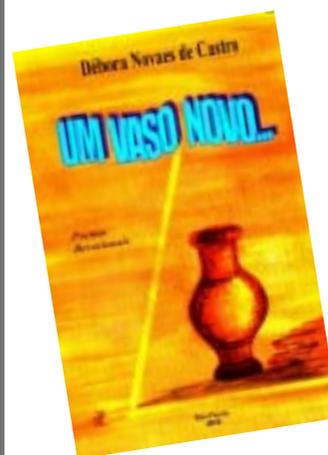
- a- O verbo aspirar com sentido de querer pede a preposição a, portanto aspiro a um ...

- b- Aspirar = cheirar, sem preposição, portanto aspiro o pó ...
- c- Prefere-se uma coisa a outra e não se usa mais.
- e- Não leva crase, pois está diante de palavra masculina.

2- Ele namora Maria ou namora com Maria?

Certo: Ele namora Maria, sem preposição.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. E-mail: portsonia@ig.com.br



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

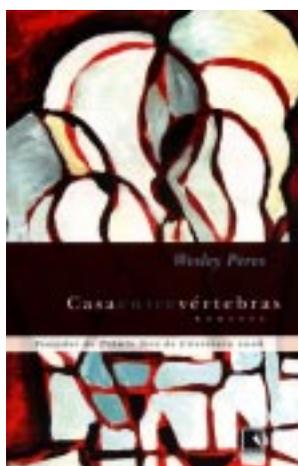
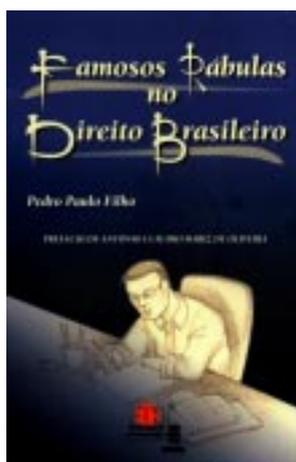
Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 - E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br



A Roda da Fortuna: contos urbanos contemporâneos, contos de Carlos José Benatti, Scortecci Editora, São Paulo, SP, 88 páginas. A obra reúne uma coletânea de contos urbanos contemporâneos onde a problemática humana é colocada de forma instigante e original. Carlos José Benatti é médico e escritor. Esse é o primeiro livro do autor que vem marcar a estréia como um bom contista. **Livraria da Lua:** www.livrariadalua.com.br - Com entrega em todo o Brasil pela ECT. **Livraria Asabeça:** www.asabeça.com.br - Rua Deputado Lacerda Franco, 187 - São Paulo - SP - 05418-000. Telefone: (11) 3031-3956.

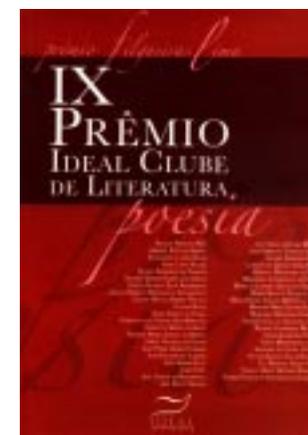
Famosos Rábulas no Direito Brasileiro, de Pedro Paulo Filho, JH Mizuno Editora e Distribuidora, Leme, SP, 306 páginas. A obra aborda a presença marcante dos famosos rábulas, desde os tempos longevos do Império até o advento da fase republicana, que se notabilizaram na história da advocacia brasileira como Antonio Pereira Rebouças, Antonio Conselheiro, Luiz Gama, João da Costa Pinto, Evaristo de Moraes, Manoel Vicente Alves (Dr. Jacarandá) e João Café Filho. O prefácio da obra é de Antônio Cláudio Mariz de Oliveira. **JH Mizuno:** Rua Professor Mário Zini, 880 - Cidade Jardim - Leme - SP - 13614-230. Telefone: (19) 3571-0420. Site: www.edtiroajhmizuno.com.br - E-mail: atendimento@editorajhmizuno.com.br



Casa entre vértebras, romance de Wesley Peres, Editora Record, Rio de Janeiro, 220 páginas. O autor, escritor, psicanalista, poeta e colaborador da revista eletrônica *Ruído Branco*, foi o vencedor do *Prêmio Sesc de Literatura 2006*, na categoria romance. O prêmio é promovido pelo Sesc e Editora Record. A obra conta com apresentações de Ivan Marques e de Bernardo Ajzenberg. Segundo o jornalista Ajzenberg, o romance de estréia de Wesley Peres é construído à base de uma prosa poética vigorosa em ritmo dilacerante. **Editora Record:** Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro - RJ - 20921-380. Site: www.record.com.br



O Conto Brasileiro de Hoje, antologia, RG Editores, São Paulo SP, 130 páginas. A obra reúne os contistas Adolpho Mariano da Costa, Alfredo Monteiro da Silva Filho, Ana Marina Godoy, Bruno Prado Lux F. Lopes, Clóvis Oliveira Cardoso, Davi J. F. do Vale Amado, Enaura Quixabeira Rosa e Silva, Glaucio Ortolano, José Faria Nunes, Luiz Clério Manente, Marcos Cesaretti, Mario Divo, Paulino Vergetti Neto, Raymundo Farias de Oliveira, Rodolfo Konder, Rogério Ribeiro da Luz, Sergio de Freitas, Sônia van Dijck e Yara Camillo. A proposta da RG Editores é fazer um mapeamento do conto, da poesia e crônica brasileira. Para o editor Reginaldo Dutra, a editora cumpriu com sua missão. Guido Fidelis afirma que é preciso transpor o universo ficcional pra poucas páginas, levando o leitor a se encantar com as histórias. O prefácio da obra é Caio Porfírio Carneiro. RG Editores: Rua Santo Antonio, 555 - cj. 11 - 1º andar - São Paulo - SP - 01314-000. Tel.: (11) 3105-1743. Fax: 3106-6275. Site: www.rgeditores.com.br - E-mail: rgeditores.com.br



IX Prêmio Ideal Clube de Literatura - Filgueiras Lima, poesias, Book Gráfica Editora, com promoção do Ideal Clube, Fortaleza, CE, 140 páginas. Jorge Tufic foi o vencedor em primeiro lugar na categoria obra publicada com *O Sétimo Dia*. O poema de sua autoria publicado na antologia foi *Soneto à berinjela*. A obra reúne poemas classificados no concurso de Adilson Pinheiro Maia, Aimerê Botelho Amaral, Alexandre de Lima Sousa, Aline Lopes Veloso, Álvaro Rodrigues da Fonseca, Antônio Weimar Gomes dos santos, Carlos Alberto Silva Nascimento, Carlos Roberto Nogueira de Vasconcelos, Cláudio Márcio Ribeiro Portela, Cláudio Neves, David Duarte de Farias, Francisco das Chagas Dias Monteiro, Francisco Weber dos Anjos, Gervana Nobre Gurgel do Amaral, Janete Pacheco de Castro, Jean Pierre Gomes Ferreira, Joan Edersson de Oliveira, João Dumar Filho, Jorge Tufic, José Carlos do Nascimento, José Dércio Braúna, José Diego Linhares Moreno, José Dimas de Carvalho Muniz, Kleber Carneiro Amora, Leandro de Queiroz Viana Braga, Marcela Magalhães de Paula, Mardônio Jô Carvalho de França, Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa, Maria Neide de Azevedo Lopes, Maria Regina Saraiva Martins da Silva, Mariana Maria Sátiro Bezerra, Martinho Rodrigues Fernando, Odorico Leal de Carvalho Júnior, Rodrigo Fernandes Meireles, Tércia Montenegro Lemos, Valdemir de castro Pacheco, Victor Augusto Alves Nogueira, Ylo Barroso Caiado Fraga, Ythallo Demys Bezerra Rodrigues e Yvanna Peixoto de Vasconcelos Guimarães. **Book Gráfica Editora:** (85) 3261-5066.

Indicador Profissional



Advogado

Genésio Pereira Filho

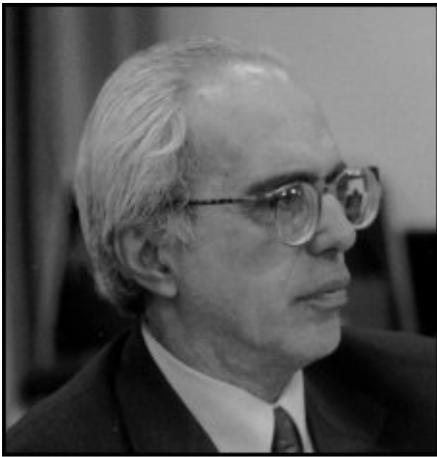
Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 - São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589

Moda
Belissima
Com qualidade e elegância

Roupa Européia

Av. São Luís, 218 - 01046-000 - São Paulo - SP
Tels: (11) 3120-5820 - 3258-9105

Notícias



Samuel Pinheiro Guimarães

Samuel Pinheiro Guimarães, laureado com o *Prêmio Intelectual do Ano*, promovido pela União Brasileira de Escritores, com patrocínio da Folha de S. Paulo, receberá o *Troféu Juca Pato*, dia 23 de agosto, no auditório da *Folha de S. Paulo*, Al. Barão de Limeira, 425, em São Paulo. A láurea será entregue por Luiz Alberto Moniz Bandeira, premiado no ano anterior.

Os Projetos Culturais selecionados para a Caixa Cultural estão disponíveis no site <http://www.caixa.gov.br/acaixa/cultura.asp#>

O 5º Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura informou os finalistas, que irão concorrer ao prêmio de R\$ 100 mil, que será divulgado na *12ª Jornada Nacional de Literatura*. Os classificados foram Adriana Lunardi (*Corpo estranho*), Ana Maria Gonçalves (*Um defeito de cor*), Antônio Torres (*Pelo fundo da agulha*), Daniel Galera (*Mãos de cavalo*), Flávio Carneiro (*A confissão*), Helder Macedo (*Sem nome*), José Saramago (*As intermitências da morte*), Luiz Ruffato (*Vista parcial da noite*), Maria Valéria Rezende (*O vôo da guará vermelha*), Mia Couto (*O outro pé da sereia*) e Milton Hatoum (*Cinzas do Norte*).

A 12ª Jornada Nacional de Literatura acontecerá no dia 27 de agosto, em Passo Fundo, RS.

Ignácio de Loyola Brandão lançou pela Global Editora a edição comemorativa de 25 anos do livro *Não Verás País Nenhum*.

O Preço Fixo do Livro está sendo debatido e adotado em países latino-americanos e europeus. O tema também está sendo debatido no Brasil. A Associação Nacional de Livrarias publicou em seu site argumentos a favor da ação da medida e uma lista dos países que já adotaram essa prática. A Câmara Brasileira do Livro, que ainda não tem posição oficial sobre o assunto, promoverá a debate "O Preço Fixo do Livro: Vantagens e Desvantagens para o Mercado Editorial e Livreiro", durante o 35º Encontro Nacional de Editores e Livreiros.

A 17ª Convenção Nacional de Livrarias, promovida pela Associação Nacional de Livrarias, acontecerá de 10 a 12 de setembro, no Rio de Janeiro. Informações pelo telefone (11) 3337-5419. E-mail anl@anl.org.br

A Exposição comemora 125 anos do Nascimento de Monteiro Lobato acontece de 21 de agosto a 11 de outubro, no SESC Niterói, de terça a sábado, das 9 às 16 horas.

A 26ª Feira do Livro de Brasília, promovida pela Câmara do Livro do Distrito Federal, acontecerá de 31 de agosto a 9 de setembro. Informações no site www.feiradolivrobrasil.com.br

A Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional de Editores e Livros realizaram pesquisa sobre o mercado editorial brasileiro referente à produção e vendas do setor editorial brasileiro. Teve um aumento de 14,79% em 2006 com relação aos livros vendidos em 2005.

A Academia de Letras de Campos do Jordão homenageou Henrique L. Alves pelos 10 anos do seu falecimento na sessão solene de 4 de agosto, na Câmara dos Vereados de Campos do Jordão. Falaram sobre o autor de *Caminhos do Desejo* os acadêmicos Genésio Pereira Filho, Pedro Paulo Filho e Rosani Abou Adal. Maria Lúcia Lopes proferiu palestra sobre o saudoso acadêmico e vice-presidente da academia - Paulo Dantas. No mesmo dia, após a sessão, os acadêmicos, os familiares do Henrique L. Alves, convidados e Paulo Ulisses Maia Dantas foram jogar as cinzas do seu pai - Paulo Dantas - da Praça Monteiro Lobato.

O X Encontro Regional do Proler acontecerá de 29 a 31 de agosto, em Uberaba, MG. Informações pelos telefones (34) 3318-0706 e 3318-0762. E-mails: tania.ulhoa@uberaba.mg.gov.br e adriana.fonseca@uberaba.mg.gov.br

Márcio da Rocha Galdino e Bernadete Michelato foram os vencedores do *Prêmio Afrânio Coutinho 2007*, promovido pela Academia Brasileira de Letras. Galdino recebeu a importância R\$ 8 mil e Bernadete, R\$ 5 mil.

A Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, que acontecerá entre os dias 13 e 23 de setembro no Riocentro, no Rio de Janeiro, reunirá cerca de 900 expositores. Ariano Suassuna e Gabriel Garcia Marquez serão tema de palestras e fóruns de discussão. Informações através do Site: <http://www.bienaldolivro.com.br/home/index.php>

A Editora Terceiro Nome está com um blog para vendas de livros na internet e com novo site: www.terceironome.com.br

Casa da Xilogravura, dirigida por Antonio Costella e Leda Campestrim (diretora técnica) comemorou 20 anos de sua fundação. A Casa da Xilogravura conta com um acervo com mais de 2000 xilogravuras de cerca de 300 artistas brasileiros. O museu, mantido pela Editora Mantiqueira, está localizado na Av. Eduardo Moreira da Cruz 295, em Campos do Jordão. E-mail: xilogravura@editoramantiqueira.com.br

O Site da Câmara Brasileira do Livro - www.cbl.org.br - está com a enquete "Você é a favor ou contra a Lei do Preço Único?".

Amor aos Vinte Anos, texto de Emanuel Medeiros Vieira, foi lançado pela Thesaurus Editora, coleção Livro na Rua - Biblioteca do Cidadão, série Escritores Brasileiros Contemporâneos, que faz parte do projeto de Incentivo à Leitura - com distribuição gratuita. E-mail: sac@thesaurus.com.br

Retrospecto de Duas Décadas, mostra temporária referente à memória dos eventos da Casa da Xilogravura de 1987 a 2007, acontecerá até o dia 15 de setembro de 2007 na Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão. Site: www.casadaxilogravura.com.br

A União Brasileira de Escritores prorrogou o prazo de inscrições para o II Prêmio Literário UBE/Scortecci. Informações na secretaria administrativa pelo telefone (11) 3231-4447. Veja o edital completo no portal da entidade: www.ube.org.br

Paulo Ramos Derengoski lançou o livro *Garibaldi e Anita - amantes da Liberdade em dois mundos de guerras*, pela Editora Pérola. Tel.: (49) 3222-4838.

O Caso dos Irmãos Naves, de João Alamy Filho, retrata a história do maior erro judiciário brasileiro, foi editado pela Minas Editora. www.minaseditora.com

Gessy Carisio de Paula publicou artigo intitulado *Centenário Dr. João Alamy Filho*, na Revista Evidência, de Araguari, MG.



Restaurante Vegetariano

Rua Dom José de Barros, 99 - esquina com Barão de Itapetininga - Centro - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3256-7909



Livraria Brandão

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646

Fax: (Todos) Ramal 23

oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br